

**A Trama dos Caminhos entre a Perversão e a Psicose a partir da
Série Bates Motel**

Fernanda Testa

Instituto de Terapias Integradas de Porto Alegre

Porto Alegre
2017

A Trama dos Caminhos entre a Perversão e a Psicose a partir da Série Bates Motel

Resumo: Este trabalho é desenvolvido a partir da série de televisão americana, Bates Motel, e da revisão bibliográfica de autores, tais como Freud, Chasseguet-Smirgel e McDougall. Tomando como referência a análise de algumas cenas dos seis primeiros episódios, objetiva-se destacar as peculiaridades do relacionamento simbiótico estabelecido entre Norman Bates e sua mãe e a influência que este vínculo possui na estruturação da personalidade do garoto. Este vínculo é o âmago para o entendimento da trama dos caminhos entre a perversão e a psicose. O conluio perverso só poderá se abalar com a chegada inesperada de um personagem que, representando a lei, possibilita o corte. Surge, então, a esperança de melhora para Norman.

Palavras-chave: simbiose, perversão, psicose, castração.

Introdução

“Mãe você é tudo, tudo para mim! Você é a minha família, toda minha família, toda minha vida, todo o meu ser. Sempre foi. É como se houvesse uma ligação entre os nossos corações.” (Norman Bates)

O presente trabalho irá se ancorar na série de televisão americana *Bates Motel*, uma trama que envolve drama, mistério e muito suspense. Desenvolvida pelos roteiristas, Carlton Cuse, Kerry Ehrin e Anthony Cipriano, a série foi produzida pela *Universal Television* com o intuito de retratar um prólogo contemporâneo para o filme *Psicose*, o qual foi baseado no romance do escritor Robert Bloch e produzido pelo grande cineasta, Alfred Hitchcock, em 1960.

O início da série dá-se com a estranha morte do pai de Norman Bates, que aparece estirado no chão, sem se saber ao certo a causa de sua morte. O espectador é, então, convidado a realizar suas próprias hipóteses, onde um clima de suspense e mistério se instaura e inunda os sucessivos episódios. O enredo que se desenrola retrata a tentativa de Norman Bates e sua mãe, Norma, de recomeçar a vida e afastar o fantasma da morte do pai. Adquirindo um hotel, localizado em uma cidade cheia de segredos e mistério, mãe e filho se deparam com diversas desventuras e se envolvem em um crime. A série envolve e desperta curiosidade, existe algo de estranho no relacionamento entre mãe e filho, mas o que?

A jornada de escrita deste trabalho se inicia a partir da análise de algumas cenas dos seis primeiros episódios da série, onde pretendo me deter aos aspectos e especificidades da relação simbiótica estabelecida entre Norman e sua mãe. Além disso, explanarei a respeito da influência que este vínculo possui na estruturação da personalidade do rapaz e, sobre um aspecto que julgo imperativo para

compreensão etiológica da estruturação de Norman, o papel da figura paterna como organizadora e como fundamento da introjeção da lei.

O primeiro “apagão”

Em meados do ano de 1923, Freud descreve o mecanismo da psicose apontando para um distúrbio no relacionamento entre o ego e o mundo externo. O ego, devido à frustração de um desejo que, pela ordem da realidade, parece intolerável, cria autocraticamente um novo mundo externo e interno com a certeza de construí-lo às exigências dos impulsos libidinais do id. É neste cenário que aparece, então, o delírio como um remendo e uma tentativa de restituição do espaço que ficou entre a relação do ego com o mundo externo. O efeito patogênico manifesta seu papel quando o ego sucumbe ao impulso desejoso e tentador do id e, sem conseguir silenciá-lo, rompe com a realidade (Freud, 1923).

A primeira cena de Bates Motel, já mostra o primeiro “apagão” de Norman, esta denominação foi dada por sua mãe para designar as situações em que o filho entrava num estado “diferente” do seu estado normal. Ao ver o pai estendido sem vida no chão, Norman é inundado por desespero e começa a chorar, mas sua mãe permanece com um olhar inquisidor, ela sabe de algo, mas espera a reação do filho para ver se o mesmo irá se dar conta. Somente com o decorrer dos capítulos é que o mistério vai se desvendando e se consegue entender que aquele foi, de fato, o primeiro “apagão”, ou melhor dizendo, surto psicótico de Norman Bates.

O pai de Norman era um homem violento e grosseiro, no sexto episódio aparece a chave para o entendimento do primeiro “apagão” do garoto. Ao se iniciar uma discussão feia entre seu pai e sua mãe, Norman demonstra o desejo de se desconectar daquilo e aciona o botão do liquidificador, que tem em suas mãos, para abafar o som da briga. O clima evolui de forma hostil e o pai do garoto começa a agredir fisicamente Norma. A tentativa de distração de Norman fracassa e o mesmo avança, com olhar fixo e imobilizado, até seu pai e o golpeia fortemente na nuca com o liquidificador. Na hora, o pai cai morto no

chão. Os olhares entre mãe e filho se cruzam, Norma segura o rosto do filho e procura seu olhar, mas Norman não corresponde. O menino está completamente desconectado do cenário a sua volta, o olhar segue estático. A mãe procura desesperadamente desmentir o que aconteceu e leva o filho até o quarto para que descanse. Encobre os rastros da cena do crime e, quando Norman acorda, repara que o mesmo não se lembra de nada. O plano é fingir que nada daquilo aconteceu e tentar recomeçar. A tentativa de reconstrução para uma nova vida com o filho é o ponto de partida da série.

Freud (1924), postula a perda da realidade na psicose com duas etapas. Na primeira, o indivíduo é afastado para longe da realidade, enquanto que na segunda etapa, o ego restituiria o dano causado pelo afastamento tentando reparar a sua relação com a realidade, porém, à autocracia do id. A psicose se manifesta como uma rebelião por parte do id contra o mundo externo. A cena descrita acima é um exemplo da primeira etapa abordada por Freud. Na medida em que a realidade se tornou intolerável para a metabolização do aparelho psíquico de Norman, o mesmo sucumbiu e foi arrastado para longe da realidade sofrendo o primeiro “apagão”. Além disso, acho importante destacar que a realidade externa, dessa vez, prestou auxílio para o afastamento de Norman, pois sua mãe fez questão de desmentir a cena que estava posta e permitiu que se apagasse. Do mesmo modo como Freud se questionou, em 1924, quando descreveu a segunda etapa, a fase em que se tenta reparar o dano causado pelo rompimento com a realidade, agora me questiono: o que Norman Bates fará com o espaço que ficou “apagado”?

O conluio perverso entre Norma e Norman

A dinâmica vincular entre mãe e filho, chama a atenção já nas primeiras cenas da série. São passados seis meses da morte do pai, quando Norman e Norma se mudam para uma nova cidade para recomeçar as suas vidas. A mãe, na tentativa de fazer uma surpresa para o filho, ao chegar no local onde irão morar, pede para que Norman feche os olhos e, enquanto o garoto aguarda a mãe lhe dar o sinal para abrir os olhos, Norma se posiciona sedutoramente em cima do capô do carro, cruza as pernas, ajeita o

vestido e coloca uma das mãos na cintura. Gentilmente, convida o filho a abrir os olhos e lhe comunica que aquele será o novo local onde poderão ser felizes. Esta cena é uma metáfora da tonalidade perversa que existe na relação entre Norman e Norma, o que me remete ao pensamento de Janine Smirgel, que está tão claro no parágrafo seguinte.

O que me parece importante para nosso tema é que tudo se passa como se a mãe tivesse conduzido seu filho a se enganar, fazendo-lhe crer que ele, com sua sexualidade infantil, era para ela um parceiro perfeito, que não teria, pois, nada a invejar a seu pai, detendo-o assim em sua evolução. Seu ideal do Ego, em lugar de investir no pai genital e seu pênis, ficará, desde então, ligado a um modelo pré-genital (Chasseguet-Smirgel, 1992, p. 19).

Diante da tentativa de retomar, Norma irrompe na sua nova casa deslumbrada com a possibilidade de ser feliz somente com seu filho. Exibe a mobília, promete lindas cortinas e mostra os dormitórios, garantindo que ficarão lado a lado e bem próximos. Norman inicia numa nova escola, conhece amistosas e lindas meninas, que o acolhem como o novato da cidade. Surge a possibilidade de participar do time de atletismo da escola, só é preciso a autorização de sua mãe por escrito para que tudo se encaminhe. O clima é de recomeço para Norman.

Ao chegar em casa da escola, Norman se depara com sua mãe sentada com a mesa posta à luz de velas, um belo vestido, sapatos de salto e tomando uma taça de vinho. A mesma lhe afirma sedutoramente que o estava aguardando para jantar. Norman lhe conta que sua professora o encorajou a participar do time de atletismo da escola e lhe pede para assinar a autorização necessária para que comece. Norma se intriga com o pedido do garoto e o transforma em uma traição. Afinal de contas quem é essa professora que ameaça diminuir o tempo que tem com o seu filho? Norma reage dizendo: “Acabamos de comprar um hotel, como espera que eu gerencie sem a sua ajuda? ”. Logo, levanta-se da mesa ofendida, alegando

ter passado o dia todo preparando o belo jantar para os dois, resmunga ter perdido a fome e dá as costas para Norman, que fica sozinho e confuso sentado à mesa.

Joyce McDougall (1983) é perspicaz ao constatar que, a sedutora mãe que desperta o desejo, é igualmente um obstáculo à sua realização. A autora se questiona: afinal de contas, o que quer a mãe? O filho de uma mãe idealizada acaba por crer que ele é um filho ideal também, o centro do universo dela e capaz de, com seu corpo púbere, completa-la. É incrível como o pensamento de Joyce é o corolário para o entendimento da dinâmica estabelecida entre mãe e filho na série.

A base do relacionamento entre Norma e Norman foi constituída sob uma ilusão essencial e intocável, onde ambos, de forma intrincada, se colocam como fundamentais um para a vida do outro e, qualquer tentativa alheia de entrada, é sentida como uma intrusão. Essa constituição aparece de forma clara na noite seguinte à encenação que Norma fez para o filho, na cena descrita acima. Enquanto Norman está estudando na sala de estar, toca a campainha da casa. Norma toma a dianteira, abre a porta e se defronta com a visita inesperada de quatro garotas atraentes. Elas gostariam de saber se Norman poderia as acompanhar até a biblioteca para estudar. O garoto, entusiasmado vai até a porta e fica inquieto para responder, mas sua mãe o corta e responde antes mesmo que o mesmo tenha oportunidade. Norma coloca que infelizmente Norman não poderá sair de casa, pois recém se mudaram e ainda existem muitas coisas a serem feitas na casa. Dando as costas, as meninas vão embora e Norman fica irado com a sua mãe. Como ela pôde fazer isso com a oportunidade que ele teve de investir em outra mulher? Norma se comporta de forma a anular qualquer possibilidade de interesse sexual do filho por outra mulher, que não seja ela mesma. As meninas são rivais e precisam ser eliminadas, rapidamente, antes que Norman se interesse. Mãe e filho entram numa discussão e se tencionam. O garoto sobe as escadas correndo até seu quarto, furioso, resolve tomar uma atitude. Foge pela janela e vai ao encontro das garotas, entre elas está Bradley, que despertou seu maior interesse. O ímpeto de Norman para fugir de sua mãe e investir na

linda menina, foi uma tentativa de se desgrudar, provavelmente uma atitude desesperada de rompimento da simbiose materna.

A noite é uma criança e Norman vai para uma festa com as garotas. O clima é de diversão e aventura. Norman passa a noite animado e flerta com Bradley, que o seduz. Esse é um dos raros momentos da série, em que se vê uma investida de Norman para estabelecer uma identidade própria e se proteger da dependência arrasadora de sua mãe e do desejo perigoso de se fundir com ela. Porém, enquanto isso, acontece um incidente com sua mãe, que ficou em casa. O antigo proprietário do hotel, Keith Summers, se indisputa, anteriormente, com Norma e foi até a sua casa naquela noite para se vingar. Norma é torturada e estuprada, grita pelo filho desesperadamente, mas não obtém resposta, pois o garoto havia saído escondido. É somente com o regresso do rapaz da festa, que Norma se livra do estupro, pois Norman apunhala Keith Summers na cabeça e o mesmo cai zozzo no chão. Tudo acontece muito rápido, Norman sai correndo atrás de um curativo para os ferimentos de sua mãe e Keith se levanta devagar do chão balbuciando para Norma: “você até gostou”. Enfurecida, desesperada e sem pestanejar, Norma esfaqueia compulsivamente Keith Summers até a morte. Norman retorna com os curativos e se depara com a carnificina, sua mãe está coberta de sangue. Assustado, insiste para chamarem a polícia, mas Norma nega e afirma que isso iria arruiná-los e que está decidida a recomeçar, custe o que custar. Existe um novo crime para ser encoberto, onde novamente ambos serão cúmplices um do outro.

A trama entre a perversão e a psicose

Agora, mãe e filho possuem um segredo e precisam encobrir os rastros do crime. Se aliam para se livrar do corpo sem vida, decidem jogá-lo na água e vão até um barco para levar o corpo até a parte mais profunda de um lago para que afunde. Durante o percurso, se desenrola uma cena um tanto quanto romântica entre Norman e Norma. Frente a frente sentados no barco, Norman rema até a parte mais profunda e, conversando com sua mãe, declara: “somos eu e você, sempre foi eu e você, pertencemos

um ao outro”. Norma lhe devolve um sorriso apaixonado e diz: “eu te amo Norman”. Logo após a troca de carinhos e de sorrisos amorosos, atiram o corpo na água.

Esse segredo se apoia na recusa e na negação da realidade de que havia um homem, embrulhado morto, no barco. Aqui surge a possibilidade de que, uma montagem sintomática perversa, aparece com a finalidade de estancar o desenvolvimento da angústia psicótica. A realidade não entra, os afetos são negados na medida em que se desenvolve uma cena romântica entre mãe e filho e não aparece o terror do assassinato. Freud (1927) em seu texto sobre o Fetichismo, aborda que entre as saídas que o ego encontra para não cair enfermo, está a alternativa que o ego possui de evitar uma ruptura deformando-se e, talvez, efetuando uma clivagem ou divisão de si próprio.

Enquanto o perverso apela a um fetiche para desmentir a realidade, o psicótico recorre a alucinação, que só é possível devido à desestimação da realidade, de modo que na psicose, desmentida e desestimação coexistem e se reforçam. Quanto a ligação entre desmentida e desestimação, Freud, em 1918 no texto sobre a História de uma Neurose Infantil, pontua a existência de correntes psíquicas que coexistem e se opõe à realidade intolerável, tal como a percepção e a representação da instância paterna como representante da lei (Maldavsky, 1994).

Joyce McDougall (1983) descreve que na trama da perversão, a imago materna aparece de forma idealizada e dotada de admiração e adoração. A mãe é aquela que possui dotes físicos, talentos dignos de admiração, uma figura dominadora e potente, uma fonte de segurança. Por outro lado, a imago paterna aparece de forma degradada e, muitas vezes, o pai é referido como um homem grosseiro, distante, ausente, um pai incapaz de desempenhar a função paterna. De fato, estamos diante de uma clivagem de natureza patológica, onde o “mau” é representado pela figura paterna, que é curiosamente denegrida no mundo objetal interno e, o “bom”, é representado pela figura materna idealizada e superdotada.

O pensamento de McDougall transmite de forma muito clara a dinâmica relacional existente em Bates Motel. Norma é uma mãe dotada de lindos cabelos loiros bem arrumados, possui envolventes olhos azuis, um corpo esbelto com sinuosas curvas e sempre está vestida de forma elegante. Norma não poupa esforços para se exhibir, desde as primeiras cenas da série já é possível notar. Eventualmente aparece despida para o seu filho e exhibe lindas lingerie rendadas, que ressaltam a voluptuosidade de seu corpo. Ela mantém diante do garoto uma atitude sedutora e fállica, onde a desmentida sexual gera a ilusão de que o filho tem capacidade para lhe completar como seu objeto de desejo (Chasseguet-Smirgel, 1992).

Considerando essa trama, a questão edípica de tomar o lugar do pai, aparece com um novo colorido, onde o pequeno garoto não deseja tomar o lugar do pai, pois ele já o tem ocupado desde o princípio, como um complemento da mãe. Isso é consequência da conduta materna em relação à criança, que manifesta uma cumplicidade sensual e sedutora, onde trocas intensas ocorrem em circuito fechado, mantendo o pai excluído (Chasseguet-Smirgel, 1992). De fato, a distorção do ideal de ego de Norman, que não se projetou sobre o pai, é acompanhada por uma distorção da realidade, pois não existe uma condução para a ruptura do elo materno e o encaminhamento da evolução do ego.

A atitude do pai é vitalmente importante para constituição da personalidade e da sexualidade do filho. É crucial o lugar ocupado pelo pai na mente da mãe e, se existe uma desvalorização da sexualidade e da pessoa do pai e, ao mesmo tempo, o mesmo for reduzido na vida da mãe e ainda aceitar ser excluído, há um grande risco de que a criança assuma um papel derivado dos conflitos inconscientes de sua mãe (McDougall, 1998).

A chegada de Dylan e a possibilidade da interdição

Na trama da família Bates, somos surpreendidos com a chegada inesperada do irmão mais velho de Norman, Dylan, que entra em cena no segundo episódio e coloca em xeque a relação simbiótica entre Norma e Norman. Dylan chega devastando a fusão existente entre os dois e começa a questionar sua

mãe. Norma fica visivelmente atordoada com a presença do seu filho mais velho, se irrita e pede para que o mesmo vá embora, mas Dylan não se intimida, muito pelo contrário, a presença onipotente de Norma não o atinge.

A chegada de Dylan tece a possibilidade de um interdito, um representante da lei e da figura paterna, que poderá avassalar o território sedimentado do relacionamento simbiótico entre Norman e sua mãe. Não foi somente Norma que se sentiu ameaçada com a chegada de Dylan, mas também Norman se mostrou hostil e desconfiado com a presença de um outro homem na casa, além dele.

É curioso de se pensar, que o segundo “apagão” de Norman, ocorre durante uma briga que tem com o seu irmão. Ambos discutem, pois Dylan se refere a mãe como uma vadia e Norman fica irado com o desrespeito. Um confronto físico se inicia, Dylan contém Norman, o segura forte e o joga no chão esbravejando: “O que pensa que está fazendo? Você é uma piada Norman. Você deixa aquela vadia lhe controlar como um cachorrinho! ... Ela te arruinou”. Norman entra num estado de transe e, quando Dylan vira as costas, o garoto parte para cima do irmão para lhe bater com um martelo. Dylan consegue se esquivar e surra o irmão. Norman fica estirado no chão repetindo consigo mesmo e com o olhar estático: “ela não é uma vadia”.

Frente ao impedimento, imposto pelo irmão, de manter a recusa da realidade e diante da ameaça do desmanche do conluio perverso, a manutenção da clivagem da mãe idealizada não pôde ser mantida por Norman. Surge então, o que estava latente dentro dele, o risco de fragmentação devido à sua frágil organização de ego. A hipótese que surge é: até que ponto o conluio perverso estava agindo como defesa contra o quadro psicótico latente?

Na noite seguinte à briga, Norman está sozinho em casa assistindo televisão na sala, pois Norma saiu. Dylan chega e tem a oportunidade de conversar à sós com o irmão. O clima hostil entre eles não perdura por muito tempo e Norman demonstra estar inquieto com a saída da mãe. Então, pergunta para

Dylan o que deve fazer e o mesmo responde enfaticamente: “Você precisa sair mais Norman. O que ela faz com você não é saudável. Ela está te sufocando. Há um mundo inteiro lá fora e você precisa de perspectiva!”. Norman escuta o irmão e corresponde ao que o mesmo afirma. Esse é o primeiro momento de ternura entre os dois e o primeiro fragmento de uma possibilidade de melhora para Norman.

Diante dessas cenas, vemos como é crucial na vida do menino a presença da instância masculina, que permite a retirada de Norman do seu englobamento com a mãe. O papel do pai se mostra de fundamental importância para a tarefa de diferenciação do garoto com a figura materna. Enquanto Norma mantém a ilusão de que Norman a complementa estabelecendo com o mesmo uma indiferenciação, o que se mostra de maneira muito evidente inclusive na semelhança dos nomes do filho e da mãe, Dylan entra como um decodificador das mensagens enigmáticas de Norma (McDougall, 1983).

McDougall (1983) se refere a busca de uma “barreira fálica”, que desempenha o papel de instância paterna como a figura da lei. Nas psicoses, esse papel não é cumprido e não há a interpolação das mensagens paradoxais emitidas pela mãe. Este fracasso tende a enfraquecer a relação do sujeito com a realidade e conduz a um desfecho psicótico do conflito edípiano e da ansiedade de castração.

Nessa mesma direção, Rosenfeld (2010) afirma que o papel do pai já é desempenhado à níveis pré-edípicos no caminho da des-identificação da criança da mãe. O papel paterno é complementar ao materno, com o qual desenvolve um processo dialético. Além disso, o autor vai mais adiante, quando afirma que o pai desempenha uma função ainda mais importante do que ser o *holding* da mãe. O próprio papel paterno é de *holding*, de contenção dos afetos, das angústias e dos temores (Rosenfeld, 2010).

Enfim, penso que são inúmeras as contribuições da psicanálise a respeito do papel da figura paterna e, além disso, acredito que exista uma grande discussão sobre a influência que essa função desempenha na vida psíquica de cada indivíduo. Porém, como não é meu objetivo explicar sobre o papel da figura paterna, irei me encaminhar para as conclusões finais.

Conclusão

Para concluir a jornada de escrita deste trabalho, gostaria de lançar mão da descrição de uma última cena, que ocorre no quinto episódio da série. Após a confusão do assassinato de Keith Summers, Norma necessitou do auxílio de uma advogada e foi acompanhada por Norman até a mesma para realizar uma consulta. No retorno para casa, enquanto Norma dirige o carro com o filho ao seu lado no carona, se destempera e surta de raiva lhe acusando de traição, pois Norman, na noite anterior, havia transado com uma garota. O menino fica incrivelmente confuso e, embasbacado com o desequilíbrio da mãe, começa a pedir desculpas. Norma, furiosa, o arranca do carro deixando-o no meio da estrada sozinho. O que acontece logo em seguida? Dylan, vindo na sua moto, avista Norman andando no acostamento da estrada sozinho. Dylan para, consola Norman e o convida para pegar uma carona. Com o vento batendo no rosto, Norman abraça o irmão e pode respirar o alívio da quebra, pelo menos naquele momento, da trama perversa e psicótica do relacionamento com a sua mãe.

Em suma, surge a hipótese de que Norman poderia ter saído de sua simbiose e conluio perverso, se o ambiente tivesse servido como um campo transicional onde ele pudesse enfrentar suas fantasias incestuosas e admitir os sentimentos de castração. Além disso, durante o enredo, foi possível notar que Norma não facilitou para seu filho a construção de um espaço transicional, ao contrário, ela ofuscou e impediu qualquer movimento de independência e liberdade que ele manifestasse.

A psique individual, conforme Winnicott (1952), só pode ser explorada dentro de um espaço, onde o ambiente está disponível para ser descoberto sem que haja uma perda no sentido do self. Se o ambiente invade esse espaço, o indivíduo tenta reagir à invasão, o que possibilita a perda de sentido do self e a criação de uma distorção psicótica.

Referências

- Chasseguet-Smirgel, J. (1992). *O ideal do ego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. (1924) A perda da realidade na neurose e na psicose. In S. Freud, *O ego e o id e outros trabalhos* (pp. 13-72). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 19).
- Freud, S. (1927). Fetichismo. In S. Freud, *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (pp. 155-164). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 21).
- Freud, S. (1923). Neurose e psicose. In S. Freud, *O ego e o id e outros trabalhos* (pp. 13-72). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 19).
- Maldavsky, D. (1994). *Pesadillas en vigilia: sobre neurosis tóxicas y traumáticas*. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- McDougall, J. (1983). *Em defesa de uma certa anormalidade teoria e clínica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- McDougall, J. (1998). O pai morto: sobre o trauma psíquico infantil e sua relação com o distúrbio na identidade sexual e na atividade criativa. In Dana Breen, *O enigma dos sexos: perspectivas psicanalíticas contemporâneas da feminilidade e da masculinidade* (pp. 39-262). Rio de Janeiro: Imago, (Trabalho original publicado em 1992).

Rosenfeld, D. (2010). O papel do pai na psicose. *Revista de psicanálise da SPPA*, 17(17), 49-55.

Winnicott, D. W. (1952). Psicoses e cuidados maternos. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (pp. 305-315). Rio de Janeiro: Imago.